

A reprodução

Willian Vieira
Claudia Amigo Pino

Causar estranhamento. Provocar o *status quo*. Questionar as formas do estético, do ético e do político: fazer sentir algo novo além da representação gasta do mundo. A literatura, sobretudo quando imbuída de um espírito de vanguarda e autoconsciência, sempre trouxe ao leitor um acesso ao impensável – quicá, até ao interdito. Um romance é uma caixa de Pandora: abri-lo é concordar em sair da zona de conforto da realidade cotidiana e adentrar, temporariamente, uma outra, dada pelo autor.

Mas, e quando o nome desse autor que assina surge na história que se lia, até então, como simples ficção – ou quando sua história de vida, conhecida de outros discursos em tempos de sociedade do espetáculo, mescla-se à do narrador – como segue a leitura? Como fica seu estatuto textual, a que gênero pertence, que verdade carrega sobre o mundo – o mundo do personagem, do leitor e, sobretudo, do autor?

Entre o texto literário e o leitor existe uma voz que denota uma vida – vida que se projeta em cada palavra que vem ao mundo com o signo dessa voz. A vida do autor, esse sujeito que se dessujeitiza em busca de si mesmo, ganha vida própria cada vez que o nome que assina a obra dá um passo além. Esse nome é algo que vive: é a noção de um autor, um

O texto de Diana Klinger, **O escritor fora de si**, que inaugura esta edição, não trata especificamente da autoficção, mas daquele que a cria e é seu tema: o autor. De Platão à Foucault, passando por Rimbaud e *Dom Quixote*, o texto relaciona a autoria ao entusiasmo, à inspiração, ao inconsciente, numa história de morte e ressurreição. Essa história continua no artigo seguinte, **De um corpo para outro**, de Claudia Amigo Pino, que tenta entender como a morte do autor levou Barthes a propor o biografema, noção revivida nas discussões mais recentes sobre autoficção.

Essas discussões são justamente o tema de **Autoficção: um percurso teórico**, no qual Anna Faedrich oferece um estado da arte da autoficção, trazendo um panorama sobre o campo nas últimas quatro décadas, sobretudo na França, onde o termo foi cunhado. É de lá que vem a inspiração para Guilherme Fernandes e seu **Hervé Guibert: autoficção e o corpo teatralizado**, que analisa o diálogo entre a escrita e a vida do autor francês.

Prova de que o debate autoficcional ganhou outros terrenos é o artigo de Karen Kazue Kawana, **Destesto Ficção: Osamu Dazai e o Watakushi Shôsetsu**, que descreve um gênero específico da cultura japonesa, composto de diários (ao menos em parte) ficcionais. O mesmo vale para a Argentina. Como mostra Mariela Peller em **Lugar de hija, lugar de madre: autoficción y legados familiares en la narrativa de hijas de desaparecidos en Argentina**, é na autoficção que as descendentes de desaparecidos encontram uma forma de narrar sua história.

No Brasil, onde a discussão específica sobre o que se convencionou chamar de autoficção é ainda incipiente, quatro autores trazem contribuições bastante diversas para esse número. Nelson Martinelli Filho, por exemplo, não teme, com **Um ficcionista em Machado de Assis**, adentrar o perigoso terreno da fortuna crítica de Machado para analisar o narrador Bentinho sob o prisma das escritas de si. Em **Um estrangeiro de mim mesmo: a identidade fragmentada**

(quase) interdita

em *Berkeley em Bellagio*, de João Gilberto Noll, Ânder-son Martins Pereira e Ariane Avila Neto de Farias analisam a fragmentação do narrador de Noll, repleta de referências ao autor. Paulo Bungart Neto aborda em **Quase memória / quase autoficção: o embrulho misterioso como legado do pai na obra de Carlos Heitor Cony** o topoi do embrulho em ao menos três obras do autor, tanto as ficcionais quanto a obra memorialística. E Letícia Gonçalves Ozório Silva vê em **Nos limites entre o real e o ficcional: a AIDS na obra de Caio Fernando Abreu como as crônicas e contos do escritor** como a produção literária de cunho intimista funciona como um retrato de um momento histórico.

Fazendo uma ponte final entre o contexto inicial francês e o brasileiro, Willian Vieira propõe, em **A última volta no parafuso da autoficção: justiça e literatura em Christine Angot e Ricardo Lísias**, um estudo comparativo da obra recente de um brasileiro e de uma francesa, ambos com questões em torno da justiça.

Tais artigos, longe de dar conta de todo o panorama das autoficções e seus congêneres no mundo da produção e da crítica literária atual, demonstram como a autoficção tem se mantido como vanguarda no último meio século. É essa, inclusive, a proposta de Philippe Gasparini em seu mais recente livro, **Poétiques de je: du roman autobiographique à l'autofiction**, resenhado para esse número, no qual ele delinea o que seria a especificidade dessa prática, ou o que seria uma poética da autoficção.

Porém, por mais que tentamos definir a autoficção, esse eu que assina o texto jamais encontrará um abrigo conceitual: sua existência só pode ser pensada em meio do esfacelamento das fronteiras entre o real e o ficcional, o biográfico e, inclusive, o crítico. Exemplo desse esfacelamento é nosso texto final, o exercício de estilo **Apenas a minha versão de "Petaluma" ou "Petaluma" é apenas uma versão de mim**, no qual Tiago Velasco Monteiro analisa os vários eus de um conto do mesmo Tiago Velasco Monteiro. É um limite que só se define no esfacelamento de todo limite.

sujeito que escreve, que assina e que, por fim, fala de si. Como um Golem, um Frankenstein, essa criatura causa assombro, medo, atração. Ela é ideia, uma ideia de autor – mas é também uma força no mundo, um artefato, uma prática, um devir. No mundo do autor que se presume acessar existe uma ética, uma estética e uma política da voz. De lá parte a voz. E ela age, fere, faz gozar.

Desde que Serge Doubrovsky cunhou o termo autoficção em 1977, para batizar seu próprio romance *Fils*, a análise de romances relacionados à biografia do autor e cujo estatuto ficcional é marcado pela ambiguidade tem sido alvo de uma intensa polêmica.

Além da autobiografia, na qual alguém conta factualmente sua vida a partir de um ponto de vista do presente, há hoje um catálogo interminável de outros conceitos sobre textos que lidam com a vida do autor que os assina: auto-narração, autofabulação, *factual fiction*, romance autobiográfico, autoficção. Cada conceito refere-se a um contexto cultural, detém suas especificidades, dialoga mais ou menos com um gênero, uma escola crítica, uma tradição. Todos tentam, à sua maneira, compreender uma ambiguidade. Mas a **autoficção** é o termo que se enraizou. A ele consagramos este número. 